

## **DONA CÂNDIDA: UMA LEITURA DA SEXUALIDADE FEMININA EM *RUÍDO DE PASSOS* DE CLARICE LISPECTOR.**

Vera Kauss<sup>1</sup>

Dilermando Moraes da Costa<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ao longo da história, as mulheres tiveram seus direitos aviltados em diversos aspectos sociais, psicológicos e religiosos. Lamentavelmente, eram submissas aos seus pais e, posteriormente, a seus maridos. De igual modo, tinham a sexualidade ignorada e, por vezes, inibida devido às convenções sociais moralizadoras. No entanto, quando se fala da sexualidade da mulher madura, os estigmas ainda são maiores, uma vez que o desejo é comparado à falta de decoro. O presente artigo objetiva discutir a sexualidade da mulher, priorizando a daquela madura a partir da leitura de *Ruído de Passos*, de Clarice Lispector, fazendo, através do diálogo com outros saberes, um estudo interdisciplinar.

**Palavras-chave:** sexualidade; mulheres maduras; *Ruído de Passos*.

### **Dona Cândida: a reading of female sexuality in *Ruído de Passos* by Clarice Lispector.**

**ABSTRACT:** Throughout history, women have had their rights curtailed in various ways: socially, psychologically and religiously. Unfortunately, they were submissive to their parents and, after that, to their husbands. Similarly, they had their sexuality ignored and sometimes inhibited due to moralistic social conventions. However, when it comes to the sexuality of mature women, the stigmas are still bigger, since the sexual drive is compared to the lack of decorum. This paper aims to discuss the sexuality of women, giving priority to those mature ones based on the short story "*Ruído de Passos*" (Footsteps), by Clarice Lispector, establishing, through dialogue with other subjects, interdisciplinary study.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor Adjunto I do Mestrado em Letras e Ciências Humanas e da Faculdade de Letras da UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio. verakauss@globo.com

<sup>2</sup> Mestrando em Letras e Ciências Humanas - Unigranrio-Universidade do Grande Rio. diler\_costa@yahoo.com.br

**Keywords:** sexuality; mature women; Footsteps, short story.

## INTRODUÇÃO

A presença da mulher permeia todas as esferas do imaginário humano, especialmente porque, a cada dia, o outrora referido como *sexo frágil* alcança maior espaço e prestígio em áreas eminentemente masculinas e, portanto, impenetráveis ao sexo feminino há até bem pouco tempo. Atualmente, não é novidade reconhecer como legítima a presença da mulher na televisão, na indústria, nas corporações e nas lideranças religiosas.

Enquanto algumas áreas absorvem exponencialmente a presença das mulheres, outros segmentos, como a política, no entanto, apresentam crescimento tímido, ainda que, hoje, estejamos sob a liderança de uma presidente. Na contemporaneidade, justamente por meio de tantas conquistas feministas, fazem-se relevantes as discussões quanto à sexualidade e à busca de prazer pelas mulheres.

De uma forma geral, a discussão em torno do sexo pode, no presente, suscitar ainda certa resistência. Contudo, na verdade, já se percebe um apelo erótico desde a época pós-colonial através de relações sexuais proibidas entre mulheres, o que culminou com inúmeras reivindicações a partir da década de 60 do século passado.

O presente artigo objetiva discutir aspectos relacionados à sexualidade feminina, em especial à da mulher madura, presentes na obra *Ruído de Passos*, de Clarice Lispector, estabelecendo diálogos com olhares diversos acerca do gênero feminino. Discutiremos, ao longo do texto, assuntos como sexualidade, prazer, corpo e pecado, buscando oportunizar conexões com teóricos como Del Priore (1997), Negreiros (2004), Trindade & Ferreira (2008), e Ferreira (2011), entre outros, através de uma perspectiva interdisciplinar, estabelecendo diálogos com a história, a sociologia, a literatura e a sexualidade.

## O DESAFIO DE SE ABORDAR O DESEJO DE PRAZER DA MULHER MADURA

Os séculos XX e XXI foram marcados pela possibilidade de se trazer à baila discussões sobre assuntos polêmicos e de se clamar pela concessão de direitos às minorias. Nos dias atuais, embora encontremos, com frequência, assuntos relacionados a gêneros e a identidades sexuais em diferentes mídias, percebemos, de modo ultrajante, resistência ao se falar do apetite sexual da mulher em idade mais avançada. Essa resistência causa estranheza, porquanto, mesmo com os inúmeros avanços científicos, as pessoas nascem, no geral, a partir de relações sexuais. E essas mesmas pessoas envelhecem e podem continuar alimentando o desejo de continuar usufruindo da vida íntima.

Negreiros (2004) aponta, pertinentemente, o momento pós-revolução francesa como aquele a partir do qual se começou a delinear as diferenças biológicas entre homens e mulheres. A autora acrescenta que "este modelo ainda tinha a finalidade de justificar a superioridade masculina, pois a partir de aspectos anatômicos e fisiológicos determinavam-se as formas de relacionamento e o espaço social a ser ocupado" (2004, p. 78). Entrementes, já percebemos, mesmo que vagarosa, a necessidade de se discutir a presença das mulheres na sociedade e o papel reservado a elas, que, posteriormente, galgou um lugar de maior proeminência.

Reconhecemos, também, que as discussões a respeito do sexo privilegiavam o masculino ou o papel que a mulher desempenharia na satisfação do cônjuge e, portanto, conceberia o homem como o único ser sexual com direito à realização de seus desejos. Até a década de 50, a esposa ideal era antes de tudo o complemento do marido no cotidiano doméstico, o bom desempenho erótico da mulher casada não fazia parte das expectativas sociais" (BASSANEZI, 1997, p. 632), logo, não se permitia sensação de prazer através da intimidade conjugal à mulher. Num passado mais distante, acordos políticos eram firmados entre homens na cama que destinavam às mulheres de sua família. Algumas culturas, também privilegiando o masculino, defendiam a poligamia como normal e saudável. A cultura grega, por outro lado, não apenas

compreendia como legitimava a homossexualidade masculina, porquanto o amor verdadeiro era aquele de homem para homem.

No entanto, a crescente conscientização das mulheres, especialmente, a partir das décadas de 60 e 70, abriu espaço para o movimento feminista que, segundo Sarti (2004):

Fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada (nós mulheres), evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher, diversidade essa que, depois, se formulou como identidade de gênero, inscrita na cultura. (p. 01).

Percebemos, então, que o feminismo não apenas buscava a obtenção de reconhecimento e oportunidade para exercer direitos como o homem, mas lutava por reconhecimento da identidade da mulher: rompendo com a submissão ao esposo para a emancipação, como ser consciente do escolher, do prover e do competir. Ademais, a mulher passou a lutar para ser vista como um ser sexual também, uma vez que entendeu que o direito ao sexo lhe havia sido cerceado.

Jackson (2010) revela que o final da década de 60 possibilitou que se repensasse a forma como era entendida a sexualidade graças à ascensão do movimento *gay* e do feminismo. Hoje, percebe-se que a questão sexual se torna ainda mais sensível quando está relacionada à mulher madura, cujo corpo rompe e contrasta com a sensualidade da mulher jovem promovida pelas deusas gregas e ratificada no culto pós-moderno ao corpo.

Atualmente, o corpo maduro pode destoar dos corpos voluptuosos construídos nas academias e do apelo pelos músculos exibidos nas praias no verão. Negreiros (2004, p. 82) lamenta que "numa sociedade que valoriza o jovem e o belo, o corpo feminino que envelhece já não oferece atrativos". Lima (2007, p. 99), constatando o preconceito que avilta o desejo de prazer da mulher mais velha, observa que "quando se trata do envelhecimento do corpo feminino, há ainda mais rigor desse olhar [preconceituoso] e a sexualidade da mulher velha é geralmente vista como inexistente ou inadequada".

Destarte, acreditamos que a luta iniciada há tempos, com maior impacto nas últimas cinco décadas, se desdobra na defesa do direito ao sexo e,

também, na legitimidade de todas as mulheres terem o direito e a opção de experimentarem o prazer sexual. É mister, então, a compreensão de que os debates a respeito da sexualidade da mulher madura se tornam relevantes não apenas por abordar um assunto pouco explorado, mas por trazer à tona algo relacionado a seres humanos que, como todos os demais, podem vivenciar o prazer mesmo em idade mais avançada, sem julgamentos ou pudores.

### **O CORPO FEMININO: DO PECADO À LIBERTAÇÃO**

No imaginário religioso que nos cerca, a figura da mulher, contrastada especificamente em Maria e Eva, apresenta uma identidade dicotômica: o bem e o mal; a redenção e a perdição. Através da desobediência e da vontade de Eva de conhecer o bem e o mal, o mal conseguiu adentrar nosso mundo. A atitude dela que, pelos registros bíblicos, foi a primeira mulher, trouxe inúmeras consequências às suas descendentes e às futuras gerações. Maria, por sua vez, ao entender e devotadamente acatar a proposta do anjo, abriu as portas para a redenção da humanidade e, inevitavelmente, a chance de consolo para as agruras humanas, além da libertação do pecado original, advindo da atitude impensada de Eva ao comer o fruto proibido.

Percebemos, deste modo, que o corpo de Eva aceitou, ingeriu e se alimentou do pecado, simbolizado pelo ato de comer o fruto. O corpo de Eva engendrou o mal, enquanto que o de Maria, através da renúncia, trouxe à existência o único que poderia expurgar o mal da humanidade. Araújo (1997, p. 46) nos revela que "a mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca". Logo, o corpo humano, que assume bíblicamente a metáfora de morada do divino, não deve ser maculado. Contudo, frequentemente, o homem transgride as leis de Deus devido à natureza humana pecaminosa, herdada da primeira mulher e, por isso, urge sempre por redenção.

O imaginário religioso, na época da colônia, fazia com que o corpo da mulher fosse visto como uma incógnita ou, como ilustra Mary Del Priore, "um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e o Diabo se digladiavam" (1997, p.

78). Nessa época, ainda se percebia a mulher como mais frágil, incapaz, necessitada de proteção, inclusive, contra o seu próprio corpo. O ato sexual era entendido . ou deveria ser - apenas como o depósito da vida masculina no ventre feminino.

Assim, percebemos que, pelo pecado original de Eva, a mulher não conceberia a vida, mas pela redenção de Maria, poderia dar à luz. O sexo, logo, era visto como necessário apenas para a procriação, todavia, veladamente, as mulheres já se preocupavam em como satisfazer seus desejos por prazer. Proibitivamente e contra os preceitos cristãos a respeito da castidade, já na época da colônia, encontrávamos mulheres que, "movidas por múltiplos desejos, e não poucas razões experimentavam relações homoeróticas", segundo Del Priore (ibid., p. 116).

Percebemos, então, que o corpo da mulher, cuja aprovação divina estava na submissão e pureza, começava a ser profanado por desejos que, outrora, pertenciam apenas ao homem. Tornava-se, imperativo, portanto, "abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas" (ARAÚJO, 1997, p. 45).

Na década de 50, período chamado de ~~anos~~ anos dourados, percebemos que pouco evoluíram os conceitos sobre a sexualidade feminina. Bassanezi (1997, p. 613) lamenta que "a moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade". Em contraste, aos homens era dada a oportunidade de se aventurar perdidamente nos prazeres sexuais, sendo isso considerado emblema de virilidade.

Mais uma vez, às mulheres restava cuidar do lar e o contentamento com a presença e o nome que lhe fosse dado por um varão, mesmo que o casamento fosse regado à infidelidade por parte do cônjuge. Ademais, vergonha mesmo seria ficar solteira. Assim, percebemos que a imagem e o título de esposa eram o que importava: o homem precisava da família e a mulher precisava de um protetor.

De forma tímida, a partir da metade da década de 50, começa-se a pensar quanto à educação sexual, uma vez que desastres relacionados à

honra poderiam ocorrer . e sempre ocorriam mesmo que fossem escondidos pela família - de forma inadequada. Todavia, após a década de 60, inicia-se uma batalha pela liberdade da mulher em diversos aspectos. De fato, as mulheres pontuavam urgências históricas. Dessa forma, Kauss afirma que:

No Brasil em particular e na América Latina em geral, a narrativa feminina, a partir da década de 60, vai mostrar a insatisfação da mulher com este lugar de submissão e traz à tona o questionamento dos valores cristalizados por uma tradição cultural secular, apresentando, muitas vezes, o conflito que se instaura entre o desejo de independência, de liberdade e os afazeres da vida doméstica a que era destinada. (1999, p. 101).

Dentre as demandas identitárias, estava, igualmente, a liberdade sexual. O imaginário cristão que ora comparava a mulher à Eva e ao pecado original, ora à virginal Maria, não autorizava a mulher a se permitir como ser sexual. Vivia-se, até o feminismo, em uma sociedade onde "o ambiente era de silêncio sobre o interesse e o direito das mulheres ao prazer sexual" (BASSANEZI, 1997, p. 633).

Assumir as rédeas do prazer íntimo sem os contratos sociais do casamento proporcionariam às mulheres o direito de se autoconhecerem como ser completo, cuja sexualidade é indissociável e, além disso, oportunizaria a chance de escolher com quem se envolveriam: homem, sem a obrigação de por ele serem governadas ou mulher, sem as amarras de uma sociedade essencialmente heterossexual.

Na contemporaneidade, podemos identificar conquistas imensuráveis em aspectos sociais e sexuais reivindicados pelo movimento feminista em contraste com décadas passadas. Percebemos que a mulher conseguiu romper com as classificações dicotômicas Eva *versus* Maria e, hoje, é reconhecida como a dona da sua sexualidade podendo, somente se quiser, estabelecer semelhanças com as personagens míticas citadas. Entrementes, cabe à mulher ser a senhora da sua escolha, uma vez que entre essas duas figuras bíblicas, existem multidões de características complexas constituintes do gênero feminino.

Seria reducionista de nossa parte, todavia, afirmar que existem pleno conhecimento e domínio da sexualidade da mulher, uma vez que os estigmas e preconceitos que aviltaram os direitos femininos são históricos e não desapareceriam em poucas décadas.

### **DONA CÂNDIDA: ENTRE O PUDOR E O PRAZER**

O conto *Ruído de Passos*, de Clarice Lispector, apresenta-nos uma senhora de 81 anos que vivencia um embate com o desejo de prazer que, apesar da idade avançada, não cessa.

Torna-se pertinente, inicialmente, discutir o nome icônico da personagem: Cândida Raposo. Ferreira considera que:

O primeiro termo de seu nome duplo se compõe de uma qualidade, candura e docilidade, própria de condicionamentos de gênero, e reverbera ainda, no mesmo significante, uma doença venérea; o segundo termo nomeia um animal selvagem, cujo instinto indomesticável sinaliza para astúcia, sensualidade e sexualidade. (2011, p. 89).

Portanto, a personagem já traz em seu nome a batalha dicotômica entre a moralidade mariana estabelecida nos ideais de pureza e o desejo sexual proibitivo estigmatizado em Eva. Assim, a natureza da protagonista está dividida entre seguir os conceitos socialmente construídos a respeito da sexualidade feminina ou se entregar à natureza de mulher.

Trindade e Ferreira (2008, p. 422) expõem que "a necessidade de amor, carinho e intimidade não mudam com a idade"; logo, o que dona Cândida sente é tanto forte quanto natural, todavia, devido aos aviltamentos históricos sofridos na sexualidade, essa senhora se sente envergonhada de se permitir prazer sexual. Laurentino *et al.* (2006, p. 58) justificam que "as mulheres da terceira idade foram criadas em época de pouca informação sobre sexualidade, razão por que muitas delas têm atitudes preconceituosas e sentem-se culpadas até mesmo por pensar em sexo". A pista dada pelo narrador quanto à idade de dona Cândida nos permite localizá-la como quem vivenciou esses momentos mais profundamente e tragicamente cerceadores da libido feminina.



A senhora Raposo, com seus mais de 80 anos, certamente crescerá em um ambiente inibidor da identidade sexual da mulher, o que justifica o uso dos vocábulos "grande coragem", "envergonhada", "cabeça baixa" e "a coisa" usados pelo narrador para externar o quanto o desejo de prazer feria moralmente a personagem.

Outro ponto que elucida o constrangimento vivido por dona Cândida é que "há um forte estigma que desvaloriza a mulher mais velha. Normalmente a vida sexual de uma mulher mais velha é alvo de chacotas, comentários, especialmente quando se trata de um relacionamento com homem mais jovem", conforme lamenta Lima (2007, p. 99). Entretanto, mesmo que a relação se estabeleça entre homem e mulher de idades próximas, a sociedade não estimula, na realidade, ela desestimula as mulheres de mais idade a procurarem satisfação sexual. Aquelas que ousam enfrentar esse pensamento preconceituoso são, na maioria das vezes, vistas como fora dos padrões de normalidade, de adequação às normas de boa convivência social e moral.

Torna-se evidente a frustração da personagem ao ouvir do médico que não há cura para o seu desejo de prazer, cuja expressão explicitada corresponde àquela ideia de que "o desejo sexual e a frequência do coito diminuem com a idade na mulher, embora o interesse no sexo continue e o potencial para o prazer permaneça pelo resto da vida" (TRINDADE; FERREIRA, 2008, p. 422). Consequentemente, dona Cândida não almejava apenas a presença de um homem, mas o clímax da relação sexual. Para a sociedade em que vivia, Dona Cândida estava fora dos padrões que regiam as normas de moralidade prescritas pelo regime patriarcal que perdurou por muitos séculos em nossa sociedade. Ela era considerada uma pessoa ~~boente+~~ e, o pior de tudo, é que acabara se convencendo disso.

A idosa, então, questiona-se a respeito do sentido da vida: "A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?" (LISPECTOR, 1998, p. 56). Notamos, a partir desta indagação, mais uma vez, o quão enraizado e indissociável está o apelo sexual na senhora Raposo, o que para ela é inaceitável. Logo, percebemos que a construção social vexatória perpassa todo o discurso da personagem. Outrossim, identificamos a solidão expressa na fala da personagem com a frase "ninguém me quer mais" (id., *ibid.*, p. 56),

confirmando o desinteresse sexual pelo corpo mais maduro em uma sociedade totalmente voltada para a juventude.

Finalmente, após o diálogo elucidador, a personagem decide "se arranjar sozinha" (LISPECTOR, 1998, p. 56), o que novamente comunica uma série de verdades: desde a solidão, à urgência por alívio ao recorrer à masturbação.

Na passagem "nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a bênção da morte" (id. *ibid.*, 56), percebemos o comportamento paradoxal desta senhora: satisfez sua fome pelo prazer, que metaforicamente é representado pelos fogos de artifício. Sem embargo, o prazer é sobrepujado pela vergonha de se realizar e de o fazer fora dos moldes construídos historicamente pela sociedade.

A repetição, por meio do ato masturbatório, trar-lhe-á dores morais, pois embora o prazer seja secreto, a consciência a julgará à luz de suas construções sociais. Para a personagem, a morte será uma bênção, porquanto apenas isso seria capaz de a separar do apetite sexual que frequentemente a assola.

Dona Cândida, portanto, representa a mulher tolhida social e sexualmente que não consegue se libertar das correntes psicoculturais que a mantém cativa no imaginário de que a mulher não tem o direito de se permitir o prazer sexual com ou sem a presença do homem, ou seja, de forma libertadora.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mulheres conseguiram, ao longo dos séculos, ainda que vagarosamente, ascensão e reconhecimento em diferentes áreas da vida em sociedade. Antigamente, como vimos neste artigo, cabia ao gênero feminino a servidão ao homem e apenas o direito de viver à sombra do mesmo, de preferência em um casamento arranjado que lhe desse segurança. A moça vivia, primeiro, sob o domínio do pai e, na falta deste, de um irmão. Passava do

domínio paterno para o do esposo, a quem devia submeter-se em tudo e sempre.

Após muito tempo de lutas e sofrimentos, aos poucos, o sexo feminino foi libertando-se e galgando uma posição de maior igualdade na sociedade brasileira.

Atualmente, a mulher conseguiu um nível de equiparação muito próximo ao do seu oposto, sobrepujando-o, inclusive, em certas áreas. Hoje, a mulher já pode desempenhar funções anteriormente masculinas, sem dificuldades. Elas, até mesmo, assumem cargos políticos e sociais de extrema importância nacional e internacionalmente, o que há poucas décadas era inimaginável. Em termos de sexualidade, a mulher deu grandes passos, embora existam resquícios oriundos da herança do domínio masculino por tanto tempo.

Surge, portanto, a necessidade de se discutir o papel da mulher em outras culturas que ainda a relegam a um patamar inferior, bem como as impede de, assim como em muitas culturas, alcançar um lugar para que façam ouvir sua própria voz na sociedade. Os estudos a respeito das mulheres ainda hoje vitimadas pela submissão ao poder patriarcal precisará abarcar, entre outros problemas, a questão sexual, que é um importante constituinte do gênero feminino. De forma mais específica, seria interessante entender como o desejo de prazer da mulher madura . não apenas das mais jovens - é discutido ou omitido em sociedades mais machistas, ou seja, onde ainda vigoram as leis criadas pelo homem para manter a mulher subjugada a seu poder como ser supremo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel de O. A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia. In: Mary Del Priore. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 45-77.

BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 607-639.

FERREIRA, Valeria Rosito. *Anotações em torno do feminino em Lispector: polifonia na tarefa do tradutor*. Vertentes (UFSJ), v. 19, pp. 80-94, 2011.

JACKSON, Stevi. Sexo e sexualidade. In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KAUSS, V. L. T. . A transgressão na busca da identidade feminina: uma leitura de Diana Caçadora, de Márcia Denser. In: Helena Parente Cunha. (Org.). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, pp. 98-108.

LAURENTINO, N. R. S.. *Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: recorte ilustrativo de um grupo de mulheres*. Revista Brasileira de Ciências do envelhecimento Humano, Passo Fundo, 51-63 - jan./jun. 2006.

LIMA, Susana M. A obscenidade da velhice feminina: rompimento do olhar na literatura. In: Cristiani Bereta da Silva; Gláucia de Oliveira Assis; Rosana C. Kamita. (Org.). *Gênero em movimento: novos olhares muitos lugares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, pp. 99-109.

LISPECTOR, Clarice. Ruído de passos. In: *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, pp. 55-56.

NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; LEMOS, E. F. de. *Representações Sociais da sexualidade: um estudo com mulheres da terceira idade*. Revista de Ciências Humanas (CFH/UFSC), Fpolis, pp. 81-94, 2002.

NEGREIROS, T. C. *Sexualidade e gênero no envelhecimento*. ALCEU - Revista de Comunicação e Política, Rio de Janeiro, pp. 77 - 86, 01 jul. 2004.

PRIORE, M. L. M. Magia e Medicina Na Colonia: O Corpo Feminino. In: Mary Lucy Murray Del Priore. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 79- 114.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, M. A. *Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres*. Texto & Contexto. Enfermagem, v. 17, pp. 417-426, 2008.

Recebido em 20 de janeiro de 2014.

Aceito em 4 de março de 2014.